

Brasil vai pagar 40% dos juros de fevereiro

BRASÍLIA — O Governo brasileiro não conta com o fechamento de um acordo com os bancos credores antes do final de março, devendo primeiro fazer o pagamento de 40% do juros devidos pelo País em fevereiro, correspondente a cerca de US\$ 500 milhões. Além deste desembolso, o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, está disposto a pagar uma taxa exigida pelo comitê de assessoramento dos bancos credores, a título de "estímulo à adesão" ao acordo, de 0,125% do **spread** incidente sobre o valor financiado pelos bancos que concordarem com o refinanciamento parcial dos juros.

Até ontem, os contatos mantidos pelo Ministro e pe-

lo Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, revelaram poucos avanços. Milliet disse que os negociadores brasileiros nos Estados Unidos haviam avançado apenas com relação ao **spread**, que deve ficar igual ao do México — 0,8125% da **Libor** (taxa interbancária do mercado londrino), mas não havia ainda uma formalização do entendimento.

O Presidente do BC informou, confirmando dados já recebidos pelo Ministro, que o acordo sobre o montante do refinanciamento dos juros de 1988 e 1989 está mais difícil. O Brasil quer US\$ 7,1 bilhões, e os bancos só pretendem conceder US\$ 5,5 bilhões. Assessores próximos a Mailson informaram que o

Governo brasileiro vai esperar até que se chegue a um valor mais próximo de seus interesses. O que deve ocorrer, de acordo com a sua expectativa, até final de março.

● **PREJUÍZO** — Dívidas não quitadas de países latino-americanos fizeram com o que o Lloyds Bank de Londres passasse a figurar como segundo estabelecimento de crédito britânico a fechar seu balanço com prejuízo, neste século: o banco foi obrigado a estabelecer uma provisão da ordem de um bilhão de libras esterlinas, cerca de US\$ 1,8 bilhão, devido ao não pagamento do serviço das dividas contraídas por países do Terceiro Mundo, em especial da América Latina. O balanço do Lloyds, publicado ontem, registrou perdas de aproximadamente US\$ 360 milhões. O banco é um dos maiores credores do México, Brasil e da Argentina.